

Documentos para a história do MNA

NOVOS DADOS SOBRE COLECÇÕES DO MUSEU

Na continuação da rubrica iniciada no volume anterior de “*O Arqueólogo Português*” apresentam-se agora dois novos conjuntos de materiais com alguma da mais relevante documentação associada.

PLACA DE GRÉS DA ANTA DO ESPADANAL

Trata-se de um artefacto sobejamente conhecido quer nacional quer internacionalmente, dado a conhecer em 1972, por Manuel Farinha dos Santos, que o escolheu para ilustrar a capa da sua obra “Pré-História de Portugal”, referindo-o sumariamente no texto como proveniente de Montemor-o-Novo. Para além desta referência nada mais se sabia sobre ele; não possuía número de inventário, (a não ser uma ténue marcação a lápis, onde dificilmente se podia ler o número 13 antecedido por uma letra), nem constava em nenhum dos livros de entrada ou ficheiros do Museu. O facto de ter sido objecto de restauro em data e lugar desconhecidos, contribuiu significativamente para se chegar a pôr em dúvida a sua autenticidade.

Só recentemente, quando se procedia à verificação e comparação das listagens de espólios constantes dos cadernos de campo de Manuel Heleno, foi possível identificar correctamente esta placa de grés, através da descrição dela feita nos termos que a seguir se transcrevem:

HELENO, M. – *Caderno de Campo n.º 3* [Manuscrito]. 1934. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.

“Anta 13 ou do Espadanal

Fica situada na herdade do Olho de Gato no sítio do Espadanal, o qual dista da Igreja de S^o Estevam 800^m para o lado do noroeste.

Foi explorada no dia 4 de Outubro. Tinha já os esteios caídos e pouca terra.

Deu:

Uma estela eneolítica, variante do chapão ou mais natural a forma primitiva dos chapões. É decorada dos dois lados, do verso com olhos, braços e dedos e reverso ornamentação em ângulos.

De topo também é ornamentado.

- Deu mais uma aguçadeira em dois fragmentos
- Um machado m^o mal polido excepção do gume
- Uma mó
- Um vaso partido de fundo esférico e colo igual
- Cacos de varios vasos, um de colo cilíndrico e fundo esférico
- Duas setas de base ligeiramente convexa e uma de base levemente concava.
- Uma conta biconica (ha uma no curral da antinha?)
- Sete contas cilíndricas.

O chapão com cara estava junto a um machado e proximo uma afiadeira, tudo quasi à superfície. Este que estava mais fundo estava a 0^m,22.

Arquitectura

Já estava esta anta completamente destruída com os esteios tombados, um para cada lado.

Observam-se três: um com altura 1^m,06, outro com 1^m,20, outro com 1^m,25. Também se via outro com 1^m,13

A tampa era arredondada e tinha de maior comprimento 1^m,90 e de larg. 1^m,30.

Conclusão

Anta de arquitectura impossível de reconstituir. A terra vegetal pouca. A SW. a 20^m um penedo com covinhas.

Anta do eneolítico inicial a julgar pelo chapão primitivo que apareceu.

O de anta 1 da Talha é a parte inferior, este a superior, ambos ornamentados no reverso.”

Ficha actual da peça:

Nº Inventário: 989.27.1

Denominação: Placa de grés; Ídolo-Placa; Placa votiva

Matéria-prima: Arenito ou Grés

Proveniência: Anta 13 de Estremoz ou do Espadanal

Localização Administrativa: Sítio do Espadanal, Herdade do Olho de Gato;
Freguesia de Santo Estêvão; Concelho de Estremoz

Dimensões: Alt.: 21,5 cm; Larg.: 11,5 cm; Esp.: 2,2 cm

Imagem DDF: 23359

Estado de Conservação: Fragmentada e colada. Face principal revestida por uma pasta argilosa espessa, de cor bege, aplicada após a colagem dos fragmentos.

Classificação: Peça de Interesse Nacional nos termos do Decreto n.º 19/2006 de 1807/2006 e da Lei n.º107/2001, de 8 de Setembro.

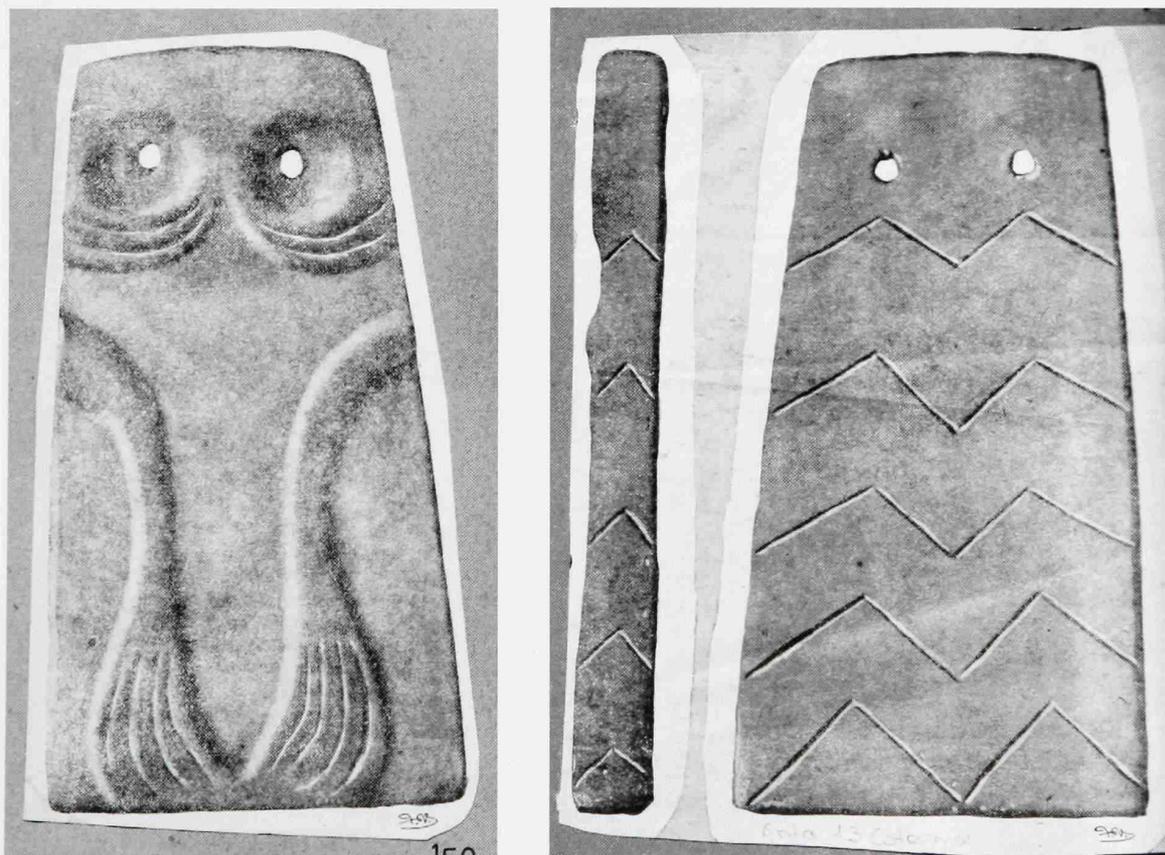


Fig. 1 – Placa de grés do Espadanal desenhada por Francisco Valença.

Anta 13 ou do Es-
padanal *

Fica situada na herdade do
 Olho de gato no sítio do
 Espadanal, o qual dista
 de Espinho de Sta Estevam
 800^m para lado do noroeste.
 Foi explorada no dia 4 de
 outubro e tinham-se os esternos
 caídos e pouca terra,
 deu:
 Uma estela mesolítica, os
 restos de chapas ou o man
 natural a forma primitiva
 dos chapões, 9' de enxada

Fig. 2 – Páginas do Caderno de Campo de Manuel Heleno relativas à escavação da Anta do Espadanal ou Anta 13 de Estremoz.

dos dois lados, do verso
com olhos, braços e dedos
e reverso ornamentada
em anulos.

De topo também é ornamentada.

- Deu mais uma agulha de ouro em dois fragmentos
- Uma medalha no qual polo do eixo do furo
- Uma moeda
- Outras duas partes de furo de referir e todo igual
- Casas de varas, duas, de colar cilíndrico e fundo referir
- Duas setas de laço ligadas muito com uma e uma de laço levemente curvada

BÁCULO DE XISTO DA ANTA 4 DA HERDADE DAS ANTAS

Este notável artefacto votivo, exibido publicamente pela 1ª vez, em 1989, na Exposição Permanente deste Museu, tinha atribuída como proveniência a Anta Grande da Herdade das Antas no concelho de Ponte de Sôr, segundo uma leitura incorrecta feita então, provavelmente a partir da obra de G. e V. Leisner, “Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, der Westen”, 1959, onde este báculo figurava desenhado na Estampa 29, n.º 26, como Anta da Herdade das Antas, sem concelho indicado. No entanto, na listagem dos monumentos atribuídos ao concelho de Ponte de Sôr figurava uma Herdade da Anta. Por seu lado, Manuel Farinha dos Santos, indicava-o como pertencente à Anta Grande da Herdade das Antas, no concelho de Montemor-o-Novo, na sua obra de 1972, “Pré-História de Portugal”, indicação que, apesar de incorrecta era a que mais se aproximava da verdade.

De facto, a correcta identificação deste artefacto, que tinha escrito a lápis azul escuro no verso as siglas “D J”, correspondendo aos códigos de Manuel Heleno, só viria a ser feita recentemente, a partir dos respectivos Cadernos de Campo, onde aparece descrito, como a seguir se transcreve.

HELENO, M. – *Caderno de Campo n.º 3* [Manuscrito]. 1934. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.

“Anta 4.ª das Antas

(D J)

A anta 4ª fica na herdade das Antas a cerca de 500 m para o lado de NW. Já tinha sido remexida e tem camara e corredor.

O corredor está voltado para [sic]

Deu:

Um lindíssimo báculo, partido, com o bordo serrilhado como o da Anta B e terminado em cabo, como o machado de Carenque. A parte curva lembra um corte curvo e todo o desenho em em [sic] triangulos, na grande maioria voltados para o cabo m^o. bem gravados.

A meio uma decoração em espinha e a mesma junto a curva que parece gume.

- os triangulos estão em negro, lisos; os outros em tracejados
- machado?
- Vaso de forma semi-esferoide
- Vasinho esferico, m^o. pequeno
- Duas facas, completas, mas em partes
- mais duas facas completas
- mais duas facas partidas

- mais uma completa.
- Quatro facas em fragm. mas que se completam
- Seis facas, quatro inteiras e duas partidas
- Dois chapões, um com desenho na parte abaixo da cabeça de linhas pequenas paralelas entre grandes verticais [esboço simples dos motivos], outro com desenho em triângulos.
- Dois sílices trapezoidais
- Mais dois sílice trapezoidal [sic]
- Duas setas, uma de base côncava, outra de base recta ou levemente côncava
- Duas contas pequenas
- Duas contas grandes
- Quatro machados espalmados polidos.
- Um machado espalmado mal polido
- Dois machados de secção retangular ou sub-retangular
- Dois machados, um redondo, outro quasi redondo.
- Três sílices, um de base concava
- Uma conta em roda
- Outra branca pequenina, outra pequena preta

O baculo serrilhado estava na camara em frag.^s um ao pé da pedra mestra, outros entre os esteios A e B da camara

Arquitectura

Anta com mamôa de alt. de 1^m,03

Camara com sete esteios e corredor voltado a nascente com três esteios de cada lado.

Chapeu já não existente. No corredor uma tampa ao lado.

Diametro da camara de N. para S. 3^m,07, de S. para W. 2^m,54

Compr. do corredor 3^m,34; larguras do mesmo à porta da camara 0^m,60, ao meio 0^m,90, no princípio 0^m,97.

Camara

Esteio A. Grosseiro, inclinado, partido

Compr. acima do terreno 0^m,90, abaixo 0^m,73, larg. 1^m,33, esp. 0^m,43 – Este esteio é abaulado, com a concavidade para dentro.

B) – Direito e liso. Alt. / Compr. acima do terreno 0^m,75, abaixo 0^m,90, larg. 1^m,35, esp. 0^m,33

C) Liso e direito. Alt. / Compr. acima do terreno 0^m,47, abaixo 0^m,53, larg. 1^m, esp. 0^m,42

D) Pedra mestra lisa e direita. Compr. acima do terreno 0^m,90, abaixo 0^m,92, larg. 1^m,84, esp. 0^m,38

E) Direito e liso. Compr. acima do nível do terreno 1^m,10 abaixo 0^m,95, larg. 1^m,75, esp. 0^m,44

F.) Levemente inclinado e fazendo angulo recto com o antecedente. Alt. acima do nível do terreno 0^m,74, abaixo 0^m,99, larg. 1^m,05 esp. 0^m,45

Corredor

I_E) – Caido. Sobre ele um tronco duma azinheira. Compr. 1^m,20, esp. 0^m,33, larg. 0^m,80.

II_E) – Alt. abaixo da terra 0^m,38, larg. 0^m,50, esp. 0^m,20

III_E) – Alt. abaixo do nível 0^m,78, larg. 0^m,90, esp. 0,45

I_D) – Alt. acima do nível 0^m,40, abaixo 0^m,50, larg. 0^m,90, esp. 0^m,46

II_D) – Alt. abaixo do terreno 0^m,61, larg. 0^m,40, esp. 0^m,30.

III_D) – Alt. abaixo do nível 0^m,80, larg. 0^m,75, esp. 0,48

Este esteio está algo inclinado.

Todos os esteios do corredor se notam por serem grosseiros, sem talhe algum. São como os da câmara e das antas desta herdade de granito.

Tampas. Existia uma tampa do corredor já arrancada do seu lugar e posta ao lado sul do corredor. Media de compr. 1^m,65 e de largura 1^m,42.

Esta pedra cobria o corredor em o compr. prependicular [sic] ao eixo do mesmo.”

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 989.29.1

Denominação: Báculo de xisto de dorso serrilhado

Matéria-prima: Xisto

Proveniência: Anta 4 da Herdade das Antas

Localização Administrativa: Herdade das Antas, Concelho de Montemor-o-Novo

Dimensões: Comp.: 44 cm; Larg.máx.: 17,5 cm; Esp.: 2,2 cm

Imagem DDF: 19906

Estado de Conservação: Fragmentado, colado e restaurado.

Classificação: Peça de Interesse Nacional nos termos do Decreto n.º 19/2006 de 1807/2006 e da Lei n.º107/2001, de 8 de Setembro.

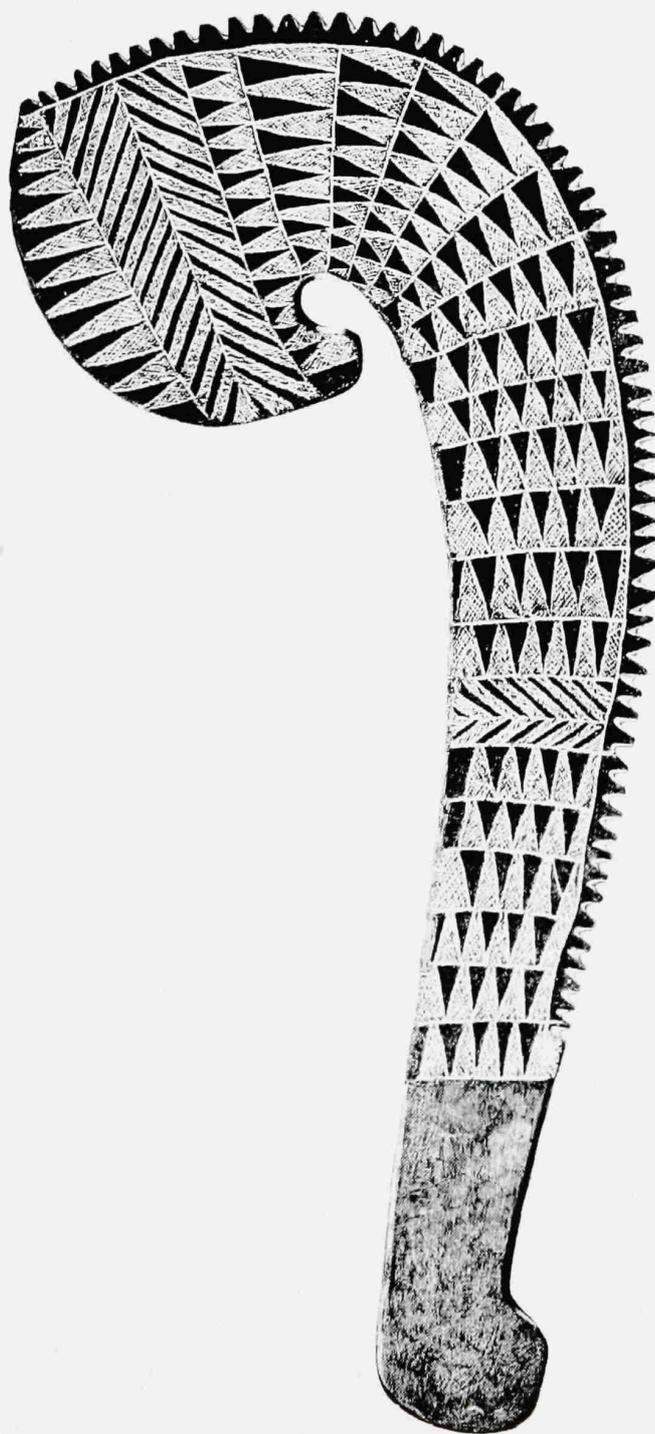


Fig. 3 – Báculo da Anta 4 da herdade das Antas desenhado por Francisco Valença.

401
~~Anta 4ª das Antas~~
 (87)

Anta 4ª. fica na herdade das Antas a cerca de 500^m para o lado de NW.

Já tinha sido revistida e tem câmara e corredor.

O corredor está voltado para S e:

Alm lindíssimos brancos, partidos, com o lindo serrilhado como o da Anta B e terminados em cabos, como o mediano de Cauniqui. A parte curva lembra um corte curvo e todo o desenho em

Fig. 4 – Páginas do Caderno de Campo de Manuel Heleno relativas à escavação da Anta 4 da Herdade das Antas.

triângulos, se fôr mais
 na volta para o lado
 n.º. bem freadas.

A milis uma desceca em
 espunha e a mesma frente
 a curva de que parece guisa

- os triângulos estão em n.ºs,
 bem; os outros em traçados
- medidos?
- Var de forma ~~de~~ ~~de~~
 semi-esférica
- Vasos inferiores, n.º pequeno
- Duas facas, completas, mas
 em partes
- Mais duas facas, completas
- Mais duas facas partidas
- Mais uma completa
- Quatro facas, duas
 que se completam

FIGURA ANTROPOMÓRFICA DE CARENQUE

Um novo ídolo de tipo almeriense foi identificado na Gruta 3 de Carenque durante o inventário e reembalagem dos materiais osteológicos desta estação arqueológica.

Não apresentava qualquer número de inventário, apenas uma etiqueta antiga que o remetia para aquele local. Consultados os respectivos Cadernos de Campo de Manuel Heleno, não foram encontradas quaisquer referências a este tão raro tipo de artefacto, omissão incompreensível para uma peça desta natureza que dificilmente passaria despercebida a Manuel Heleno, que conhecia já, à época, os materiais do Olival da Pega 1. Um ídolo deste tipo, em xisto, tinha sido publicado por G. e V. Leisner em 1959, e Manuel Heleno, estabelece mesmo um paralelo entre os logomorfos de Carenque e os daquele monumento. A esta situação acresce ainda a existência de um desenho deste artefacto da autoria de Francisco Valença, nos Álbuns de Desenho do Museu.

A confirmação aconteceu quase por um mero acaso. Durante o inventário da Anta 2 do Batepé, também escavada por Manuel Heleno, deparámo-nos com a seguinte afirmação constante na p. 25 das notas de escavação:

HELENO, M. – *Caderno de Campo n.º 3* [Manuscrito]. 1935. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo Manuel Heleno.

“Crivagem da terra da anta do Poço de Batepé

[...] Num nicho do corredor encontrou-se (não se tinha encontrado da 1.^a para não se destruir o corredor) por motivo de queda dum esteio, um chapão, uma parte dum baculo e um bocadinho de faca.

O chapão tem a forma [esboço do contorno] lembrando ainda a humana, e vê-se nele ainda o começo da abertura dum ombro. Lembra os ídolos de Almería de osso (vid. Carenque) [...].”

Uma vez que entre os materiais de Carenque não é conhecido outro ídolo de tipo almeriense, nem outro artefacto em osso que com ele se pudesse confundir, dado o carácter excepcional desta peça, assume-se agora como sendo este, o ídolo descoberto por Manuel Heleno e nunca antes divulgado. Aguarda-se para breve a sua publicação n'OAP, por um dos elementos da equipa (C.M.)

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 2004.207.1

Denominação: Figura antropomórfica; Ídolo de tipo Almeriense

Matéria-prima: Osso

Proveniência: Gruta 3 do Tojal de Vila Chã

Localização Administrativa: Freguesia de Carenque; Concelho da Amadora

Dimensões: Alt.: 6,1 cm; Larg.máx.: 1,3cm; Esp.: 0,2 cm

Estado de Conservação: Fragmentado, colado e restaurado.

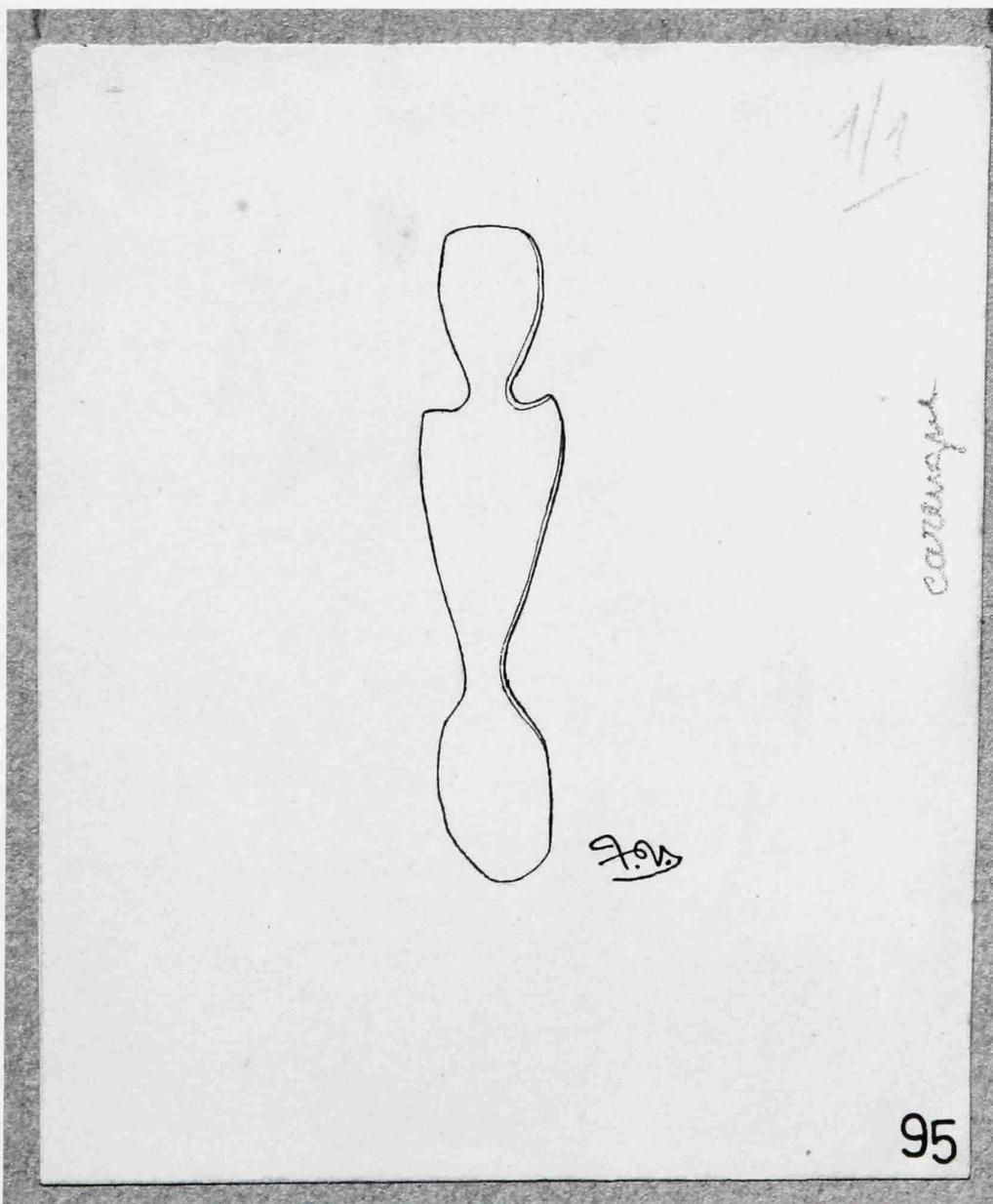


Fig. 5 – Desenho da figura antropomórfica de Carenque da autoria de Francisco Valença.

Crivagem da terra da
anta do Povo de 15 alpi

- Contas pequenas
 4 retas de laço imiana
 1 de laço recta
 1 de laço imiana
 1 conta grande
 11 retas de laço imiana
 4 de laço recta
 3 faquendas
 1 laço imiana
 6 contas feitas de rodas
 27 contínuas

Num nicho do corredor en-
 controu-se [não se tinha a unidade de
 de 19 para não destruir o corredor.]
 por motivos de guarda de um estui-
 um chapão, numa parte

Fig. 6 – Páginas do Caderno de Campo de Manuel Heleno relativas à crivagem das terras da Anta 2 do Batepé.

de um haculo e um traco
dentado de face.

O Chapã tem a forma Σ sem
branda onde a humana, e re o
rele onde o inico de abertura
de um orculo, entre o idolo de Shuric
de osso (vid. Caruim)
Tambem aparece em freq. de chapã

UM NOVO CONJUNTO ANFÓRICO PROVENIENTE DE TRÓIA

Na sequência do projecto de instalação de uma nova Reserva de Ânforas do MNA, deu-se início a um vasto programa de reordenamento da totalidade do material anfórico em reserva neste Museu. Este programa incluía acções de inventariação e documentação sistemáticas das espécies, com fotografia associada, diagnóstico de conservação e restauro e arrumação com vista à disponibilização e acessibilidade da colecção aos diversos públicos alvo.

Como resultados esperados previa-se a correcta identificação da colecção, que até esta altura era claramente deficitária face aos parâmetros e normas adoptadas pelo MNA no que diz respeito ao inventário. Tróia, Castro Marim e Mértola, surgiram de imediato como os mais importantes núcleos anfóricos, mas um grande número de exemplares apresentava-se com proveniência desconhecida, de atribuição duvidosa ou meramente hipotética, como nos casos em que ânforas estavam acompanhadas de etiquetas antigas com indicação de proveniência mas sem marcação na própria peça, e sem correspondência no próprio Inventário.

Face a esta situação, e tomando o conjunto anfórico de Tróia como exemplo, constatou-se que alguns dos exemplares oriundos das escavações de 40-60 não tinham sido devidamente inventariadas, à semelhança do que aconteceu, de resto, com a maior parte dos materiais desta estação.



Fig. 7 – Pormenor da marcação.

Assim, durante a rectificação de todo o inventário desta estação, com base no cruzamento de dados já existentes com as informações contidas nos cadernos de campo, foi possível identificar o contexto destes materiais. Ao mesmo tempo, a leitura destes registos permitiu identificar vários conjuntos funerários, dos quais faziam parte algumas das ânforas que se encontravam sem identificação. Durante a campanha fotográfica do núcleo anfórico, e com recurso a luz artificial, tornaram-se visíveis algumas marcações a grafite no bojo de algumas peças. O que até agora tinha passado despercebido (ou não tinha qualquer significado), acabou por se revelar uma informação fundamental: tratava-se dos números atribuídos às sepulturas, escritos durante a sua recolha no terreno que podiam ser agora comparados e confirmados com os registos contidos nos cadernos de campo assim como à sua identificação nas fotografias de campo (fig. 7). Neste processo recuperou-se o seguinte conjunto de sepulturas em ânfora:

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 2006.269.1

Denominação: Ânfora do tipo Almagro 51 A/B

Proveniência: Tróia. Necrópole da Caldeira, Sepultura 68 (fig. 8)

Localização Administrativa: Concelho de Grândola

Dimensões: Alt.: 82 cm; Diâm. Máx.: 28 cm

Estado de Conservação: Fragmentada, colada e restaurada.

Ficha actual da peça:

Nº Inventário: 2006.467.1

Denominação: Ânfora do tipo Almagro 51 C

Proveniência: Tróia. Necrópole da Caldeira, Sepultura 23

Localização Administrativa: Concelho de Grândola

Dimensões: Alt.: 52 cm; Diâm. Máx.: 33,5 cm

Estado de Conservação: Fragmentada e incompleta.

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 2006.468.1

Denominação: Ânfora do tipo Keay LXXVIII

Proveniência: Tróia. Necrópole da Caldeira, Sepultura 25 A (fig. 9)

Localização Administrativa: Concelho de Grândola

Dimensões: Alt.: 64 cm; Diâm. Máx.: 34,5 cm

Estado de Conservação: Fragmentada e incompleta.

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 2006.469.1

Denominação: Ânfora do tipo Keay LXXVIII

Proveniência: Tróia. Necrópole da Caldeira, Sepultura 72 (fig. 10)

Localização Administrativa: Concelho de Grândola

Dimensões: Alt.: 71,5 cm; Diâm. Máx.: 33,5 cm

Estado de Conservação: Fragmentada e incompleta.

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 2006.470.1

Denominação: Ânfora do tipo Almagro 51 C

Proveniência: Tróia. Necrópole da Caldeira, Sepultura 59

Localização Administrativa: Concelho de Grândola

Dimensões: Alt.: 75 cm; Diâm. Máx.: 34 cm

Estado de Conservação: Fragmentada e incompleta.

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 2006.471.1

Denominação: Ânfora do tipo Keay LXXVIII

Proveniência: Tróia. Necrópole da Caldeira, Sepultura 65

Localização Administrativa: Concelho de Grândola

Dimensões: Não aplicável, reduzida a fragmentos

Estado de Conservação: Muito fragmentada e incompleta.

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 2006.472.1

Denominação: Ânfora do tipo Keay LXXVIII

Proveniência: Tróia. Necrópole da Caldeira, Sepultura 56 A

Localização Administrativa: Concelho de Grândola

Dimensões: Alt.: 83 cm; Diâm. Máx. 31 cm

Estado de Conservação: Fragmentada e incompleta.

Ficha actual da peça:

N.º Inventário: 2006.473.1

Denominação: Ânfora do tipo Keay LXXVIII

Proveniência: Tróia. Necrópole da Caldeira, Sepultura 56

Localização Administrativa: Concelho de Grândola

Dimensões: Não aplicável, reduzida a fragmentos

Estado de Conservação: Muito fragmentada e incompleta.



Sepultura nº 68

Arma partida, com uma
boca (de bronze?) metida
dentro.

Orientação W 316 g N.

embora in situ 0,65

Diâmetro máximo 0,30

Fig. 8 – Fotografia e descrição da Sepultura 68, Tróia.



A sepultura 25 tinha
 um espelito de costas, um
 braço erguido sobre o peito
 em a cabeça de lado e
 voltada para a sua direita
 A cabeça estava voltada
 para W 295 N

+

A 25A era muito baixa por isso
 a superfície colocada na sepult. 25, sobre
 o espelito no peito de cabeça.
 A superfície estava muito danificada,
 devido à ação das raízes e pedras soltas,
 e assim apenas se puderam recolher
 pedras.

No seu interior, além da areia,
 frequentes ossos, 11 dentes, 25 dentes
 de vidro azul e dois pedaços de
 metal.

Fig. 9 – Fotografia e descrição da Sepultura 25A, Tróia.



Sepult. 72 -

Anfura prolongada por uma
 tábua, em que assentava
 um crânio de Urânia
 Oriburgia W 340 g. N.
 comprimento total 1,12
 comprimento de anfra 0,70
 Diâmetro máximo da anfra 0,33
 Caluça pare deita.
 Camada de terra vermelha a
 envolver a sepultura.

Fig. 10 – Fotografia e descrição da Sepultura 72, Tróia.